

Técnico quer reserva biológica em mangues

O zootecnista Paulo Fraga, assessor técnico da Secretaria do Planejamento, defendeu a criação de uma reserva biológica nos mangues que se localizam ao norte da ilha de Vitória, como forma de defender aquele meio natural de descaracterizações e depredações que, no seu entender, podem comprometer todo o ecossistema da região. Sobre o abandono em que se encontram as reservas já constituídas no Estado, ele considerou que cabe à população um papel muito importante, no sentido de fiscalizar a defesa do meio ambiente. Acha, inclusive, que as associações e grupos de Ecologia existentes no Espírito Santo devem assumir uma postura mais política, deixando de ser elitistas, congregando grande parcela da população e, assim, adquirindo força necessária para pressionar o governo e o poder econômico.

Fraga não é contra a utilização dos mangues pela comunidade, contanto que esta seja feita dentro de um esquema de manejo sustentado, racional, e não por poluição causada por despejos industriais, ocupação por aterros e outras formas de destruição do ambiente. Segundo explicou, os mangues representam um potencial de alimentação muito grande, sendo suas terras três a quatro vezes mais férteis que os solos onde o cultivo se faz de forma mais avançada, como na Europa, por exemplo. Essa fertilidade decorre da intensa atividade microbiana que inicia um ciclo ecológico muito importante para a manutenção da fauna de rios, lagos e mares.

COM ANCHIETA

Segundo disse o zootecnista, durante a colonização do Espírito Santo, informações históricas, do padre José de Anchieta dão conta de que cerca de 110 mil índios viviam em terras capixabas, alimentando-se especialmente de produtos recolhidos nos manguezais. Só que, na época, não só grande parte do litoral dispunha desse tipo

de vegetação, mas também as margens dos rios, o que permitia que riquíssima fauna ali se desenvolvesse, sem ser depredada, mas apenas utilizada pelos indígenas.

A própria ilha de Vitória, no entender do zootecnista, é formada em sua maior parte de aterros feitos sobre os mangues primitivos, na medida do crescimento da população. Hoje eles estão poluídos, assoreados, quando não se acham ocupados por palafitas — que geralmente precedem os aterros — ou mesmo por marinas, construídas para abrigar embarcações em áreas onde a população tem um maior poder aquisitivo.

Exceção a esta situação, conforme Fraga, são os manguezais existentes ao norte da Ilha, próximos à Universidade Federal do Espírito Santo, onde a ocupação é incipiente, permitindo a criação de uma reserva biológica. Ele explicou que, sendo o mangue um ecossistema fechado, haveria a possibilidade de criação de inúmeras espécies animais, e um número calculado de 10 a 12 espécies vegetais. A área, com mangue, é formada de solos argilo-silicosos que sofrem a influência das marés e se, porventura, viver a ser destruída, não há possibilidade de uma recuperação, como no caso de florestas.

Paulo Fraga acha que deve haver conscientização da comunidade a respeito da importância ecológica dos mangues, deixando-se de conceituar tais áreas como sujas, malcheirosas e outros adjetivos que frequentemente lhes são atribuídos. Afirma também que os mangues devem ser mostrados ao público como áreas bonitas, e assim se evitará em grande parte a destruição que lhes vem sendo infligida. Vê também como importante a participação do Poder Público, ao não permitir a sua ocupação e do agir na conservação, deixando de despejar lixo em locais como o Lixão de Goiabeiras, impedindo a construção de marinas, como Guarapari, ou proibindo os despejos feitos pela atividade industrial que se desenvolve em Itanguá, no município de Cariacica.